Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



DIANA LEWIS, a linda mulher de William Powell, que vimos recentemente em «Eddie Cantor, ama-sêca»

2.ª SÉRIE — N.º 59 PUBLICA-SE AS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 22 DE DEZEMBRO DE 1941 — PREÇO 1$50



O CASO
DUM
HOMEM
QUE TEM
UMA
MULHER
QUE SE
APAIXONA
POR TODO
OS
HOMENS !

CAROLINA, A DOIDA

(MY LIFE WITH CAROLINE)

Realização de LEWIS MILLESTONE

RONALD COLMAN
E ANNA LEE



Numa comédia maravilhosa de graça, de espírito, de vivacidade!

Uma das mais engraçadas e originais produções distribuída pela

RKO-RADIO FILMES

Em exibição no

TIVOLI

2.ª série / N.º 59 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO**

22 de Dezembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A partir do próximo número o nosso jornal vai sofrer uma transformação completa

no seu aspecto gráfico e passa a custar apenas 50 CENTAVOS



Só quem lida com jornais conhece as dificuldades com que lutam actualmente tôdas as emprêsas editoras. Dificuldades de tôda a ordem, capazes de fazer esmorecer os mais corajosos, de abalar os mais sólidos, de desgostar os mais optimistas. As matérias primas — papel, tinta, metal para a composição, zinco para as gravuras, etc. — tudo atingiu preços fabulosos, o dôbro ou o triplo de antes da guerra actual. E não só encareceu e encarece tudo, em progressão vertiginosa, como tudo escasseia, e falta, em progressão vertiginosa também, embora de sentido contrário.

Os próprios «colossos», a quem não faltam leitores, nem expansão, nem publicidade, nem assunto. nem possibilidades financeiras, debatem-se — ó ironia do destino! — com os mesmíssimos problemas que embaraçam os pequenos, os que só têm a encorajá-los a assiduïdade e a confiança dos seus leitores fiéis, e a confiança, maior ainda (e bem mais difícil de manter, acreditem...), dos que lhe dão, todos os dias, o suor e o sangue, olhos postos num ideal autêntico, tão autêntico que lhes são completamente indiferentes as invejas mesquinhas, as calúnias ineptas, as piadas tôlas, dos que lhe vão passando ao lado — e por baixo...

«Animatógrafo» tem procurado resistir (e tem-no conseguido, como o demonstram claramente os 59 números que conta esta sua 2.ª série) à maré cheia de contrariedades, de dificuldades, de embaraços, criados pela situação geral das indústrias gráficas.

Não se deve ocultar — e não fica mal confessá-lo — que a manutenção e até melhoramento do seu aspecto gráfico se deve à colaboração preciosa das oficinas com quem temos trabalhado, e a quem prestámos, no nosso número de aniversário, a grata homenagem de que são crèdoras.

Mas outra coisa, até há poucos meses, permitiu contrabalançar o aumento constante das despesas: a publicidade das firmas distribuïdoras de filmes, que durante o nosso primeiro ano de publicação acorreu com notável regularidade, chegando a parecer que, como era lógico, e justo, e inteligente, os gerentes dessas firmas compreendiam as vantagens de auxiliar a existência dum jornal que suscitasse junto do público o interêsse pela sua mercadoria.

Mas... a história repete-se. À semelhança do que aconteceu com *todos* os nossos predecessores — e bastará citar apenas dois casos que conhecemos perfeitamente, o do *Cinéfilo* e o do *Cine-Jornal* — a compreensão e a solidariedade inicial esmoreceram ràpidamente. De começo, para nos entusiasmarem numa aventura de que êles seriam, evidentemente, os mais directos beneficiários, aproveitando uma tabela de publicidade irrisória, e mesmo assim regateando, exigindo, impondo, complicando, sempre com o ar de fazer um altíssimo e generoso favor, lá consentiam que se lhes cobrassem quantias *inferiores ao preço do custo material dos anúncios*, mas que ajudavam, evidentemente, a manter o equilíbrio orçamental.

Mas, a pouco e pouco, agora por um pretexto, logo por outro, hoje por isto, amanhã por aquilo, foi a debandada sistemática, a frio, com sorrisos e desculpas.

Porquê?

Porque fizeram êste raciocínio simplista: Para quê pagar uma capa ao jornal, se o jornal tem que publicar uma capa mesmo?

E assim por diante, na certeza de que o leitor não estaria disposto a comprar um jornal de cinema que não falasse nas fitas e nos artistas lá da casa. Umas vezes tocaria a uns, outras vezes a outros. Mas no fim havia de bater tudo certo.

E bateu, é claro: desde o comêço do verão que, *por honra da firma*, cá temos publicado as fotografias que lhes interessam, as notícias que lhes interessam, as referências que lhes interessam, sem que isso pese de nenhum modo nos orçamentos de publicidade das firmas distribuïdoras de filmes.

Mas é evidente que não é possível continuar no mesmo pé, pois «Animatógrafo» não tem feitio para usar com os seus fornecedores o mesmo processo que usam connosco.

Além disso, «Animatógrafo» comete, desde sempre, um crime de lesa - distribuïdor - de - fitas - - estrangeiras: defende, com o maior denôdo, com tôda a sua alma, com os seus recursos — O CINEMA PORTUGUÊS. E o Cinema Português é o Inimigo N.º 1 do Cinema Estrangeiro. Basta pensar que cada fita portuguesa, com a sua longa permanência no cartaz, empata, cinco, seis ou sete programas estrangeiros, atrasando-lhes a estreia, para se avaliar o amor que naturalmente lhe têm...

De modo que um jornal que não esteja disposto a demolir, em nome da perfeição técnica de Hollywood, as fitas feitas no nosso país, é um jornal prejudicial, nocivo, que convém liquidar. E não há nada que liquide mais fàcilmente um jornal que negar-lhe a publicidade.

Assim, «Animatógrafo» não conta pràticamente no ano que começa senão com meia-dúzia de amigos dedicados, que compreendem as vantagens da existência dum jornal para o público *cinéfilo*, no sentido que «Animatógrafo» conseguiu rehabilitar, e que é o verdadeiro sentido da palavra.

Daí resulta, necessàriamente, a urgência de modificar inteiramente o aspecto gráfico do nosso jornal. E isso porque não está no nosso ânimo tomar qualquer atitude menos correcta.

Reconhecemos a tôda a gente o direito de proceder conforme supõe que lhe convém — embora nos reservemos o direito recíproco de julgar a nosso modo êsse direito e, principalmente, as razões que condicionam o seu uso.

«Animatógrafo» continuará a ser, doutrinàriamente, o mesmo que tem sido: o defensor do bom cinema, venha lá êle donde venha, seja lá quem fôr que o apresente. Não queremos conhecer firmas: conhecemos fitas; não conhecemos (para efeitos jornalísticos, é claro) os distribuïdores: basta-nos conhecer os técnicos e os artistas dos seus filmes.

Mas aos nossos leitores, que nos conhecem, e sabem a devoção com que para êles trabalhamos, devemos esta explicação clara e simples que aí fica, e que nos força a modificar de todo em todo a aparência do nosso semanário.

«Animatógrafo» passa a ser UM JORNAL, um jornal *mesmo*, com tôdas as suas características: formato, papel, paginação e preço. Saïrá, da mesma forma, tôdas as segundas-feiras, com SEIS PÁGINAS, mas com o DÔBRO DO FORMATO.

E custará apenas 50 CENTAVOS — cinco tostões.

Todos os redactores e colaboradores actuais de «Animatógrafo» continuam connosco, movidos pela mesma fé, olhos fitos no mesmíssimo objectivo. Criaremos algumas secções novas, que muito deverão interessar, e apresentaremos a página de crítica (entregue aos mesmos redactores) sob um aspecto inteiramente novo.

Enfim: a 3.ª série do «Animatógrafo», que começa com o próximo número — o N.º 60 — estamos certos que não desiludirá os nossos leitores habituais — e é muito capaz de nos granjear numerosos leitores novos.

Os assinantes também não ficarão, em nada, prejudicados, pois verão o seu período de assinatura prolongado de harmonia com o seu novo preço.

Para diante é que é o caminho! E «Animatógrafo» não sente nenhuma vocação para caranguejo...

Tal como o Cinema Português — «ANIMATÓGRAFO» continua!

VEDETAS DE OUTRORA voltam agora ao CINEMA

Esta notícia é intencionalmente dedicada aos cinéfilos da «velha guarda», aos frequentadores entusiastas do Olímpia e do Condes de há mais de vinte anos, a todos aqueles que se entusiasmaram com «A Marca de Fogo», de Sessue Hayakawa, estreada em 22 de Novembro de 1918, e em que pela primeira vez apareciam Fanny Ward e o grande actor japonês, com a «Moeda Quebrada», de Polo, modêlo das fitas em séries, ou com a deliciosa «Flor da Holanda» da que era nessa altura a Noiva do Mundo, a inesquecível Mary Pickford.

Para os amigos do cinema de hoje os artistas que vamos apontar nada significam, não têm para êles qualquer interêsse. No entanto todos êles foram grandes nomes do filme dessa época ainda tão próxima mas que nos parece, pela marcha alucinante do cinema, tão longinqua já.

Apeados do pedestal a que a glória os elevou, esquecidos pelos seus admiradores de um dia, desbaratadas as fortunas que na tela conquistaram, êles no entanto não guardam ao cinema a mais leve sombra de rancor, não odeiam o público que com o rodar dos anos os trocou por outros, que hão-de sofrer, mais tarde ou mais cedo, igual destino... Não. O cinema continua, para êles, a ser o meio indispensável. As máquinas e as luzes, e agora êsse inconfidente «micro», são ainda os companheiros que procuram, mesmo nas horas adversas em que a popularidade fugiu.

Jack Mulhall, grande vedeta das séries, aparece agora ao lado de Anne Shirley e James Craig em «Unexpected Uncle», da RKO, cuja distribuição conta ainda os nomes de dois outros veteranos — Mary Gordon e Matt Moore, um dos três famosos irmãos. James Kistwood, categorizado elemento do elenco da Paramount de 1920 está interpretando, com Chester Morris e Jean Parker por vedetas o filme daquela companhia «No hands on the clock». Ailleen Pringle, grande amorosa primeiro, nas fitas de Elynor Glynn, e depois intérprete notável de alta comédia, apareceu em «Appointment for Love», com Margaret Sulavan e Charles Boyer.

Norman Kerry, o intérprete inesquecível de «Nossa Senhora de Paris» e «Carroussel da Vida», depois de um largo período passado na Legião Estrangeira, voltou a Hollywood e aparece agora em «Tanks a Million», uma comédia de Hal Roach. Al St. John, actor cómico da escola de Mack Sennett, voltou de novo, e aparece na distribuição de «Frontiery Fury» da P. R. C.

Pat O'Malley, o Cary Grant do seu tempo, depois de ter aparecido em «Paris Calling«, da Universal, foi contratado para um papel secundário do filme da Fox, «We Go Fast» um título que deve ter para êle e para os do seu tempo qualquer coisa de doloroso. Julia Faye, que foi durante muito tempo elemento indispensável dos filmes de Cecil B. De Mille, voltou a aparecer no último filme do mestre, «Reap the Wild Wind». Por sua vez Monte Blue, grande amoroso de outrora, faz um dos bandidos na fita em séries da Republic «King of the Texas Rangers».

Leah Baird, grande vedeta de 1918, a Irene Dunne do tempo, aparece também agora, ao lado de Jeffry Lynn e Jane Wyman em «The Black Widow», da Warner Bros. Em «Ghost Town Buckaroo», da Universal, fazem parte também Herbert Rawlinson, grande nome de há quatro lustros.

Francis X. Bushman, o *Messala* de «Ben Hur» e figura máxima do cinema americano de 1915, e Clara Kimball Young, raínha da alta comédia de 1920, aparecem ambos em «Mr. Celebrity», da Producers Releasing Corp.

OS SECUNDÁRIOS DE... PRIMEIRA ORD

EDWARD EVERETT HORTO

Nasceu em Brooklyn, no bairro mais «yankee», de Nova-York, a 18 de Março de 1888. Conta, portanto, cinqüenta e seis anos de idade, trinta dos quais passados nos bastidores e nos estúdios, em actuações consecutivas. Poucos actores terão. como êle, tão longa fôlha de serviços. Primeiro no palco, depois no cinema, interpretou cêrca de trezentos papéis, noutras tantas produções, com inteiro aprazimento do público. Extremamente culto, com o diploma passado pela Universidade de Columbia, Edward Everett Horton começou por ser corista de Ópera, para conseguir, mais tarde, uma companhia ambulante que representava uma peça que era, para os americanos, o que *Viuva Alegre* é para os europeus. O seu êxito em *The Mikado* acreditou-o logo, como um actor de extraordinárias possibilidades — que avultaram, quando Louis Mann lhe confiou o encargo de chefiar a companhia.

Durante três anos seguidos, representou em Philadelphia. A *tournée* correu bem: 64 semanas em Portland; 35, em Pittsburgh; 40, em Elmira — e assim por diante

Não há melhor escola para um actor, do que uma *torunée* pela Província. A necessidade de conquistar um público, sempre novo —obriga o actor a dar o seu máximo. Êle não vai para o palco com o prestígio dum nome feito, não tem os seus adeptos, nem a protecção da crítica — porque as mais das vezes, os jornalistas e o público dêsses meios desconhecem-no, em absoluto.

Em 1919, apareceu na Califórnia como figura principal da companhia Thomas Wilkes. Ali se iniciou nos mistérois do cinema. Interpretou vários papéis em filmes mudos, sem prejuizo das suas actuações teatrais.

Gostou tanto ou tão pouco que, em 1928, o nosso homem surge-nos como produtor independente de filmes curtos, que êle próprio realizava e interpretava — e que o popularizaram entre os freqüentadores dos cinemas americanos. Não é de estranhar pois, que os magnates da Cinelândia se lembrassem de o aproveitar em produções de maior responsabilidade.

Começou por *Too much business*, cujo título parece ter sido profético. Porque, desde então, Edward Everett Horton nunca mais teve um instante de descanço. Vem desde os tempos de *Alcançando a Lua*, que deveria ser o «canto do cisne» de Douglas e Bebe Daniels. Quantos filmes interpretou? Nem êle sabe! Mas teve papéis de relêvo — alguns títulos entre outros! — em *Ama-me esta noite*, *Uma loira para três*, *Alice no País das Maravilhas*, *A Viuva Alegre*, *Chapéu Alto*, *Horizontes Perdidos*, *O Rei e a Corista*, *O Homem Perfeito*, *Vamos Dançar*, *A 8.ª Mulher do Barba Azul* e no *Grande Garrick*, que se encontra actualmente em exibição.

Pode alegar-se que Edward Everett Horton é sempre o mesmo! Na verdade êle criou um tipo, mas um tipo pitoresco e inimitável! Seja na *Viuva Alegre* ou nos *Horizontes Perdidos*, no reino imaginário da opereta ou no fantástico Shangri-La, de Frank Capra, Everett Horton é sempre um homem atrapalhado, esquecido, distraído, pudibundo, bota-de-elástico, de incontestável ingenuidade e raciocínio lento, pois acompanha tudo o que os outros dizem, para só depois reflectir e fazer «marcha atrás», na sua actuação. Se lhe disserem que é «idiota», Everett Horton acolhe o insulto com o sorriso com que receberia um cumprimento — e, passados instantes, de ter «captado» a fala, no seu verdadeiro significado, é que readquire a expressão relativa à ofensa... Mas não julguem que êle se precipita aos socos, sôbre o atrevido. Quanto muito, ameaçá-lo-á, de longe, com o guarda-chuva...

Na vida real, dizem que é assim, até certo ponto. Solteirão impenitente, vive com a Mãe, num rancho poético em Lake George, onde se entrega aos trabalhos de campo e aos cuidados que lhe dá um canil precioso, com exemplares de alto preço!

Seja como fôr, para nós Edward Everett Horton continuará a ser sempre um dos actores cómicos que mais gostamos de ver, o secretário e o empregado que se atrapalha com as mais pequenas coisas—imagem, flagrante, de muitos outros, que nós conhecemos, por essa Lisboa fora...

F. F.



Edward Everett Horton



GREER GARSON

PANORÂMICA

VIVA SALAZAR!

Não ficaríamos bem com a nossa consciência de portugueses se, no limiar dêste número, o primeiro que sai depois da desafronta magnífica comunicada ao País pelo Senhor Presidente do Conselho, narrando e exprobando os lamentáveis acontecimentos de Timor, não soltássemos, com tôda a nossa alma, o grito que deve andar na bôca e no coração de todos os portugueses de bem:

VIVA SALAZAR!

Partes trocadas

Vimos recentemente, num cinema de reexibições de 1.ª categoria, um dêsses indesculpáveis desleixos em que são pródigos muitos dos cinemas portugueses, a maior parte das vezes por inatenção dos chefes de cabine e sempre por espírito de *deixa-andar* das emprêsas: um filme exibido com as partes trocadas, tranqüilamente, sem sequer remediar o êrro e pedir desculpa ao público. As partes passaram trocadas, positivamente ao acaso, baralhando de tal maneira a história, que mais ninguém se entendeu. E um filme de alto valor (tratava-se, nada menos, de «Pasteur»), foi prejudicado na sua exibição, sem qualquer respeito pelo público — nem pelo Cinema.

Um filme de rèclamo

Assistimos há dias à passagem dum filme de publicidade que, ao contrário dos seus habituais colegas, não enfada, mas antes desperta interêsse e simpatia, pelo seu perfeito sentido cinematográfico.

Pela primeira vez, cremos nós, se faz em Portugal publicidade dêste género em condições. É caso para felicitar os seus autores, Manuel Luiz Vieira pela excelente fotografia, de que destacamos a imagem final da lâmpada, e Olavo de Eça Leal, pelo seu comentário, conciso e perfeito, a que a sua voz dá uma segurança e seriedade convidativas. A cópia, o trabalho de laboratório, assim como o som, oriundos dos Laboratórios da Lisboa-Filme, podem, sem favor, considerar-se impecáveis. .. própria realização de um tão curto filme é para felicitar. Encontraram os seus autores o ritmo próprio para êste género de filmes.

Parabéns pela novidade apresentada.

Dois livros

A Editorial Argo teve a amabilidade de enviar para a nossa redacção os dois últimos volumes que publicou, e que ambos se inspiram em filmes: «Alma em Tempestade», romance de Gentil Marques, com um prefácio do ilustre alienista sr. dr. Luiz Cebola, e «A Vida de Edison», por Leão Penedo e Gentil Marques.

Agradecemos, penhorados.

A entrevista com Carmen Miranda

Causou justificado interêsse a entrevista feita por Bernardo Teixeira com Carmen Miranda e que veio publicada no último número de «Animatógrafo».

A linda capa a côres com o delicioso autógrafo de Carmen entusiasmou os cinéfilos, que só tiveram que lamentar não receberem *ao natural* o *beijo quentinho* da popular actriz.

NATAL POBREZINHO

Lembram-se, com certeza, os nossos leitores do soberbo número de Natal que «Animatógrafo» pôde oferecer-lhes em 1940. Nós, cá em casa, também nos lembramos. E muito embora tenha passado um ano apenas — embora os anos desta guerra sejam tão pródigos de dores que mais parecem séculos — lembramo-nos com saüdade.

Não é saüdade de glórias passadas. Primeiro — porque as não temos; depois porque glórias passadas não ganham vitórias, e a nós só nos interessa aquela que preparamos tenazmente, inquebrantàvelmente, vitória futura que há-de ficar: a vitória do Cinema Português. Assim, só essa glória futura poderá um dia tilintar no nosso orgulho de jornalista, e de cinéfilo, pois a nossa actividade de «cineasta», como se diz, decerto por malícia, não passa dum aspecto da nossa inveterada cinefilia.

Êsse número, pensado, planeado e executado com amor, marcou ao então jovem «Animatógrafo» uma posição que nos parecia definitiva. Esgotado em poucas horas, choveram sôbre a nossa secretária as palavras de aplauso e de incentivo, e os juramentos de fidelidade mais firmes, tão firmes e sinceros que chegámos a supor que dali para o semanário de 136 páginas a 15 tostões tôdas as semanas ia sòmente, como na cantiga, — o salto duma cobra...

Mas a cobra saíu daninha, e venenosa.

Os juramentos enamorados (pelo jornal, entenda-se...) em breve se desvaneceram como fumo. Começou a exigenciazinha, o refilançozinho.

E não foi dali a muito tempo: foi logo a partir do número seguinte.

Mas então que pouca-vergonha era aquela! Depois dum número tão catita, com tantas páginas e tantos bonecos, e tantas idéias novas, o jornal atrevia-se a regressar à... normalidade constitucional?...

Pois é claro que voltava, porque Natal há só um em cada ano, e só pelo Natal é que se oferecem broas.

Mas os hábitos adquirem-se ràpidamente, os bons e os maus. E o público e os anunciantes tomaram ràpidamente o mau hábito de reclamar a permanência dum bom hábito de que lhe déramos a amostra, mas que, infelizmente, as circunstâncias impediam que se tornasse um hábito.

Neste Natal é tudo diferente. Por motivos que expomos largamente noutro lugar, nem sequer podemos oferecer-vos o modesto número especial que projectámos e que o «bloqueio» não nos consentiu.

Paciência!... Pobretes, mas alegretes... É um Natal pobrezinho, um Natal de Guerra.

Mas cá vamos vivendo, honradamente, na graça do Senhor.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A Festa do Clube

Há já algum tempo que vimos anunciando a realização de um espectáculo cinematográfico dedicado aos sócios do «Clube do Animatógrafo».

Ao contrário do que era de supor, e em vista do que dissemos no número 41 do nosso jornal, os sócios do Clube que ainda não tinham assinado «Animatógrafo» continuaram na mesma, impassíveis, esperando, porém, com interêsse, a ocasião de poderem assistir ao 3.º espectáculo. Esquecem-se indesculpàvelmente de que a condição indispensável para que assistam a essa festa é a de assinarem «Animatógrafo».

A festa do Clube vai realizar-se muito brevemente e ver-se-á então de que maneira se resolve esta questão, que podia muito bem ser resolvida espontâneamente pelos sócios do Clube assinando o «Animatógrafo».

Mas o mais curioso é que são justamente os não assinantes que mais reclamam a realização de mais freqüentes festas.

«ANIMATÓGRAFO» EM HOLLYWOOD

Desfazendo ilusões...

do nosso "enviado especial" A. de Carvalho Nunes

Hollywood, 13 (via aérea) — Não perdi o meu tempo a conversar com Dorothy Comingore. O leitor conhece-a porque a viu em «O Mundo a seus Pés», mas sob outro nome, o de Linda Winter — a mulher que o *cidadão Kane* foi buscar ao nada para se ver ao espelho... para se sentir, enfim, amado por alguém. A história que ela me contou, o romance da sua vida, merece talvez ser repetido a bem de muita cabeça tonta que sonha com o paraízo artificial de Hollywood.

Se chegarem ao fim... hão de reconhecer que, não só a beleza, mas também mesmo o talento, não são armas que bastem para se vencer neste meio tão acanhado e de projecção tão vasta.

Milhares de ilusões nascem e morrem — esperando inùtilmente que se repita o milagre dos pães...

Dorothy Comingore tem levado a sua vida a ser *descoberta* para o cinema; a sua carreira é uma montanha russa.

A primeira pessoa que nela reparou foi Charlie Chaplin em pessoa. Ao tempo, uma opinião do actor era sentença lapidar, fazia lei. Viu-a trabalhar num teatro modesto dum pequena cidade da Califórnia, em «Cradle Song», e deu parte aos jornalistas que estava ali uma autêntica estrêla de cinema.

A rapariga rejubilou, e ainda mais satisfeita ficou quando, pouco depois, recebeu um telegrama da Warner Bros. a pedir com urgência todos os retratos de que pudesse dispor. Estes agradaram, pois logo recebeu um convite para se dirigir a Hollywood, onde assinaria mais tarde o seu primeiro contrato de artista de cinema.

De certo modo, ela supunha já ter o mundo a seus pés...

Depois de a crismarem de Linda Winter, por acharem o seu nome *impossível*, instalaram-na em Town House, um dos mais belos hoteis de Los Angeles.

Em vão esperou que pusessem à prova os seus dotes fotogénicos. Ao que parece a sua plástica era suficientemente expressiva porque, durante um longo período, outra coisa não fizeram senão tirar-lhe fotografias em fato de banho e outros trajes bastante menores. E, uma vez por outra, uma dessas fotos era publicada nalguma revista com a legenda «Linda Winter, a estrêla da Warner», o que não deixava de ter um certo sabor irónico para quem via o firmamento cada vez mais inacessível.

Três meses depois era despedida, sem a sujeitarem ao mais pequeno ensaio. Teria Charlot razão? Sabe-se lá!

Um agente de colocações conseguiu *trespassá-la* para a «Columbia», que a aproveitou em pequenos papéis no género da rapariga que vende cigarros nos «dancings», de saiote e meias até acima». Nestas condições era bem difícil conseguir mostrar mais alguma coisa: o seu real talento.

E quando começava a desesperar que isso sucedesse alguma vez, encontrou novo rumo para a sua existência casando com Richard Collins, escritor muito conhecido em Hollywood.

Ora o Collins compreendeu que estava diante dum verdadeiro temperamento artístico e, aproveitando a circunstância de ser amigo de Orson Wells, apresentou-a no momento em que êste encontrava à sua roda um ambiente de despeito e más vontades. Para quási tôda a gente o Wells não passava então dum exibicionista.

Foi na companhia dela que o homem do dia apareceu pela primeira vez em público, numa festa de caridade. Surgiram os inevitáveis repórteres fotográficos e como, um e outro, eram ainda pouco conhecidos, os jornais publicaram o retrato com a legenda «Orson Welles e sua espôsa». Mas a autêntica mulher de Wells estava a essa hora em Reno a preparar o divórcio, e tôda a gente se riu muito com o caso — e tôda a gente passou a conhecer a Linda Winter, sem ela ter feito ainda a sua almejada primeira prova fotogénica...

Passou-se tempo e só nas vésperas de construir o seu filme é que Orson se lembrou da parceira daquele aborrecido mal-entendido.

Que valia a pena, «O Mundo a seus Pés» comprova exuberantemente. Dorothy Comingore tem efectivamente talento, que no entanto só vê reconhecido depois de ter queimado a sua mocidade nos vai-vens da sorte.

Aproveito êste correio para pedir que informem o nosso director de que não me estou dando bem com o clima. Ainda ontem o Jack Hall me assustou quando me disse, bastante alarmado: — «Homem, você está amarelo!».

CINEMA DE AMADORES

6 filmes estrangeiros exibidos no C.P.C.A.

(Conclusão do último número)

A necessidade de não passar para outra página levou a cortar a nossa análise crítica aos filmes estrangeiros projectados recentemente na sede C. P. C. A.

Permita-nos o leitor repetir uma pequena parte do que escrevemos sôbre «Tragédia» o curioso filme de Zombori Vilmos antes de passarmos aos outros trabalhos de amadores.

«...Magníficos todos os exteriores. Há planos que me recordam Eisenstein e Tissé na «Romanza Sentimental».» E ao comparar Vilmos com os grandes mestres russos não me excedo. Faço-o com calma e convicção.

«FALCÕES DO VALE DO NECKAR» é um cultural interessante que me deixou desconfiado com o seu autor. Não acredito muito na autenticidade de certas imagens dêste filme. Enquanto durante parte do filme nos mostra os seus autores em *perigosas* excursões alpinistas para filmarem numas escarpas a grande altitude um ninho — melhor direi, um antro — de falcões. Apresenta cruamente o autor — talvez para que a absolvição lhe seja dada quando se descobre o seu único deslize; um contra-plano impossível de fazer dadas as inúmeras dificuldades que o autor não tem pejo algum em patentear, para realizar o filme.

A preparação de todos os planos do início do filme, a descida da câmara e uma ou outra imagem com os falcões são boas e merecem atenção especial pelo cuidado e preparação que mereceram aos seus autores.

A segunda parte do programa iniciou-se com a projecção do filme sueco «NOVEMBRO».

Creio que os amadores suecos sofrem do mesmo mal de que os seus patrícios profissionais padecem. Dizemos mal — doença — porque somos latinos e não podemos entender, mudamente, sem uma explicação, uma série de imagens e umas certas reacções psicológicas a que não estamos habituados. «Novembro» tem um pouco disso. A história é incompreensível, as reacções não as entendemos. Podem ser razoáveis, naturais, lógicas mesmo, mas talvez para êles. Nós não os entendemos. Compreendemos, e muito bem, a sua deliciosa, acessível e bela linguagem cinematográfica. Não sei porquê tenho a impressão que «Novembro» foi feito por um grupo de jovens amadores. Será talvez pela mocidade e frescura das suas imagens, apesar da constante tristeza que nelas paira?

«Novembro» tem alguns planos dignos de profunda admiração; Uma realização que nem sempre se ajusta com o estilo que em certos momentos o filme possui, mas que agrada e satisfaz.

Por último, e para encerrar a sessão com chave de ouro, como o dr. António de Menezes afirmou, projectou-se o filme alemão «ALCOOL».

Eis um filme com pretenções moralistas, excelentemente realizado e fotografado, com uma tese arrojada e um aproveitamento cinematográfico bastante de apreciar. O destino trágico de dois homens, patrão e operário, vítimas do alcoolismo. O abuso do alcool e as suas conseqüências é o motivo principal dêste filme utilizando os autores para êsse fim todos os seus conhecimentos de cinema e hábeis trucagens. Tôdas as sobreposições e encadeados são feitos com cuidado e resultam bem.

Um filme que se pode considerar como uma prova ou exame das possibilidades técnicas dos cineastas amadores.

J. M.

DEANNA DURBIN EM LISBOA

ou um falso alarme?



Deanna Durbin e seu marido Vaughan Paul

Há dias, as agências telegráficas noticiaram que uma das vedetas do cinema americano que iria a Londres cantar para os soldados ingleses seria Deanna Durbin, o simpático rouxinol de Hollywood. Foi uma notícia cinéfila perdida entre as muitas notícias da guerra que agora ocupam os grandes diários.

Mas o mais curioso é que há dias alguém tocou o sinal de alarme, DEANNA DURBIN PASSA POR LISBOA QUANDO FÔR PARA LONDRES.

Não lhes digo nada, inquietou-se muita gente, preguntou-se a torto e a direito em que Clipper viajava a 2.ª noiva do mundo, agora mulher de Vaughan Paul, porque já se dizia que ela vinha sôbre o Atlântico a caminho de Lisboa. «Animatógrafo» não queria perder a oportunidade de falar com ela, como aliás não perdeu com nenhuma das muitas artistas que por cá passaram. Mas queria fazer uma reportagem sensacional, tirar fotos, descobrir pequenos nadas da *menina* que só conhecemos do *écran*. Por isso ficámos de atalaia à espera de ver chegar a vedeta. Mas qual, a notícia avolumava-se, corria de bôca em bôca, e dizia-se que Deanna devia chegar dum momento para o outro, mas ao certo nada havia que confirmasse a vinda dela.

Nem um telegrama, nem um esclarecimento, nada, absolutamente nada.

Raciocinando, lembrámo-nos que talvez tivesse ido directamente da América para Londres. Mas quê, Deanna sugeitar-se-ia a viajar num bombardeiro, a grande altitude, com fatos especiais por causa temperatura frigidíssima que há lá por cima, com uma máscara horrenda a cobrir o seu lindo rosto e o perigo constante da guerra?

Não, não era possível!

Mais tarde informaram-nos que já há carreiras directas de aviões entre Nova York e Londres. Teria Deanna Durbin utilizado essa nova carreira?

Não era provável, e ficámos à espera.

Na sexta-feira, o alarme atingiu o auge: DEANNA DURBIN ESTAVA EM LISBOA! Chegara às 20,30 no Clipper e estava hospedada num hotel mas não se sabia o nome. Até à meia noite procurou-se saber junto da Pan American se de facto tinha chegado neste Clipper uma senhora que devia viajar com o nome de Deanna Durbin. Não nos souberam dizer. Disse-se outros nomes, Edna Mae Durbin ou Mrs. Vaughan Paul. Não, não havia nenhum dêsse nomes na lista dos passageiros que viajara nesse Clipper. Tinham vindo só sete pessoas e encontravam-se instaladas no Aviz-Hotel.

Corremos ao hotel e lá disseram-nos que tinha sido reservado um quarto, não se sabe por quem, para Deanna Durbin mas que esta senhora não chegara ainda. Ficámos surpreendidos. Teria ido Deanna para outro hotel? Não, não era possível. Ela não devia ter chegado com certeza. Telefonámos para outros hotéis. Nada. Não havia o mais pequeno rasto de Deanna Durbin.

Ficámos tristes, mas esperançados de que Deanna chegue dum momento para o outro como continua a constar. E se chegar, podem os leitores contar que não a deixaremos descançada enquanto não estivermos satisfeitos de todo — isto como *vingança* dos trabalhos que nos deu. Mas será possível um homem vingar-se em Deanna Durbin? Não, não é possível. Apenas lhe faremos preguntas e ela responderá ao que muito bem entender e quiser se o marido, que é natural que venha com ela, deixar...

Montagem rpida de notícias frescas

Já regressou da Póvoa do Varzim a equipa da Tobis Portuguesa que ali foi filmar alguns planos de ligação para «ALA, ARRIBA!».

★

Os operadores da SPAC filmaram para o JORNAL PORTUGUÊS a histórica sessão da Assembleia Nacional.

★

LEONOR MAIA, a simpática Tatão do «Pai Tirano» vai interpretar um dos principais papéis do próximo filme da Produção António Lopes Ribeiro.

★

Fala-se com insistência na possível construção dum novo cinema de estrelas.

★

JORGE BRUM DO CANTO está a preparar com todo o entusiasmo o seu próximo filme «Camisa de Onze Varas» que deve realizar logo que o estúdio da Tobis Portuguesa esteja disponível.

★

Está já assente que Manuel Santos Carvalho e Carlos Otero trabalhem no novo filme «CAMISA DE ONZE VARAS» que deve ter como operador Aquilino Mendes.

★

Está organizada uma nova firma distribuïdora de filmes que adoptou a razão comercial de ESTRÊLA FILMES, que é dirigida por J. S. de Brito com a representação em Portugal das firmas: Monogram (americana), Pathé (inglesa) e Buthers (inglesa).

★

LEITÃO DE BARROS pôs, temporàriamente, de parte a realização do filme «Maria da Fonte» para o qual já se filmaram algumas cenas no bairro comercial da extinta Exposição do Mundo Português.

★

Nos escritórios da PROD. A. R. L. prepara-se o próximo filme que deverá ter como intérprete principal o actor NASCIMENTO FERNANDES.

★

Organizou-se recentemente em Lisboa uma nova entidade distribuïdora de filmes ingleses, VITORIA FILME que é dirigida pelo sr. dr. Rafael Suruya.

★

Ainda se não sabe quem irá interpretar os papéis de galã e ingénua do novo filme «O COSTA DO CASTELO».

A língua do CINEMA...

(Conclusão da pág. 12)

para um grande cesto de vêrga que tinha no fundo uma massa escura confusa.

— Então agora?

— Agora, dizia o montador, vá procurando a ver se a encontra que eu vou cortar a outra!

Que pensam? tinham cortado a cabeça a um juiz? E o juiz tinha outra cabeça? Era tudo mais simples e menos sangrento. Montava-se a «Maria Papoila» e tinha-se filmado um grande plano do juiz (um plano em que só se via a cabeça). O montador tinha já cortado no tamanho exacto essa «cabeça». Mas como a assistente a deitara para o cesto das pontas de fita (que formaram no fundo, a tal massa escura) o montador via-se obrigado a trabalhar provisòriamente com uma repetição do plano — que êle chamava e de facto era a «outra cabeça» do juiz.

* * *

Mas também aconteceu coisa doutro género. Durante uma cena do «Pátio das Cantigas» ouvia-se falar dos seguintes bichos: um gato, um cão, um galo, um macaco, uma girafa e lagartos. Entrava tanta bicharia, preguntará o leitor? Nada disso. Só entrava o gato, o cão e o galo. A «girafa» era a do som — uma máquina que é um comprido braço móvel em tôdas as direcções destinado a transportar o microfone. Os «lagartos» são as articulações de ferro onde se instalam os projectores para mais fàcilmente se desdobrarem. E o «macaco» era um vulgar macaco de automóvel que estava a levantar uma parte do cenário. Nesse dia no estúdio não haveria a confusão da Babel mas estava uma miniatura da Arca de Noé.

FERNANDO GARCIA

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

HOLLYWOOD

CHARLES BOYER vai interpretar, com EDWARD G. ROBINSON e JOEL MAC CREA, o filme «TALES OF MANHATTAN» para a PARAMOUNT

A estabilidade, há muitos anos inalterável, de Charles Boyer no cinema americano, a sua categoria de excepção entre os demais intérpretes masculinos do filme *yankee*, a popularidade enorme que mantém entre os freqüentadores americanos do espectáculo cinematográfico têm no seu talento, da melhor água, sobretudo, parece-nos na sua personalidade de actor inconfundível e bem definida a sua razão de ser, são os motivos capitais dum tal interêsse da parte do público pelo artista francês.

Criando um tipo absolutamente definido, em contraste completo com os demais do filme americano, mas a que êle, com inteligência e tacto inexcedíveis consegue imprimir tonalidades diferentes e aspectos próprios em cada personagem que vive na tela, Charles Boyer é, fora de dúvida, um artista digno de admiração, sentimento que, de facto, não só o público americano como o dos outros países — em Portugal é um dos actores de maior «cartel» — lhe não regateia.

Indicativo seguro e insofismável de tudo isso é o facto da sua actividade constante nos estúdios da Califórnia.

Na realidade, tendo recentemente sido apresentado com êxito assinalável «Hold Back the Dawn» para a Paramount, filme cujo argumento nos conta a luta dos emigrantes fugidos da Europa para entrarem nos Estados Unidos através do México, e em que Boyer interpreta a figura dum dêsses foragidos, que recorre ao casamento com uma jovem professora americana — processo que se lhe afigura, a princípio, como o mais fácil meio de conseguir o fim que se propôs — Charles Boyer concluiu também há pouco para a Universal o filme «Appointment to Love» em que, tal como sucedeu com o afamado «Back Street», daquela mesma emprêsa, tem a grande actriz Margaret Sullavan por parceira.

E agora chega-nos a notícia do seu próximo filme que a Paramount produzirá, e que tem por título «Tales of Manhattan».



Charles Boyer

Êste filme, cuja acção decorre em Nova York, e que é uma espécie de cavalgada dos grandes acontecimentos que têm tido aquela capital por pano de fundo — como se sabe Manhattan é a ilha do rio Hudson onde está edificada Nova York — tem a particularidade de na sua interpretação masculina participarem dois actores americanos de categoria — Edward G. Robinson, actor muito festejado na América e figura de primeiro plano na vida social da gente de cinema, e Joel Mc Crea o correcto e simpático actor, bem conhecido dos cinéfilos portugueses.

ITÁLIA

Actividade nos estúdios romanos

● LUCREZIA BORGIA, produção do Scalera Film tem por intérpretes principais Isa Pola, um dos nomes mais categorizados do naipe feminino do cinema italiano actual, Carlo Ninchi, Pina de Angelis, o actor alemão Frederico Benfer que tem com freqüência aparecido em filmes italianos, Nerio Bernardi e Luigi Almirante. O filme, cujo argumento pertence a L. de Bonelli, teve a dirigi-lo o enscenador alemão Hans Hinrich.

● Alessandro Blasetti, que é considerado um dos três mais talentosos realizadores italianos, acaba de dirigir o filme LA SENE DELLE BEFFE, com Amedeo Nazzari, o veterano Osvaldo Valente, Clara Calamai, Massino Giroti e Memo Benassi por intérpretes.

● Um valioso elenco, pois nele se contam alguns dos melhores nomes do cinema de Itália, é o que interpreta o filme de Carmine Gallone, realizador dos mais representativos do filme italiano, cuja carreira tem sido feita em grande parte no estrangeiro, filme que tem por título VESPRO SICILIANO, tirado duma obra de Cesare Vico Ludovini. Assim é que entre os que o interpretam estão os nomes de Fosco Giachetti, Alida Valdi, Luiza Ferida, Camillo Pilotto, Alberto Capozzi, actor dos bons tempos da Bertini e da Jacobini, de quem foi parceiro freqüentes vezes, Carlo Tamberlini, Evi Maltaghatti, Bella Starace Samati e o actor espanhol Roberto dilla, que recentemente foi o protagonista do filme «La Sonnambula».

● O primeiro filme de grande metragem produzido pelo Centro Sperimentale de Cinematografia, que como se sabe é um verdadeiro Conservatório de Cinema, onde se formam os técnicos e os artistas destinados a preencher os cargos respectivos do cinema italiano, intitula-se VIA DELLE CINQUE LUNE, tendo como realizador o próprio director do Centro, o crítico e ensaista Luigi Chiarini. Entre os seus intérpretes contam-se Luisella Beghi Andrea Checchi, e os alunos Carla del Paggio Michele Ricardini, Carlo Bressan, Olga Sohelli, e Gildo Bocci, sendo o argumento tirado duma novela de Matilde Serao.

● SE NON MATTI NO LI VOGLIAMO! é o título do filme produzido pela Juventus Film e distribuído pela Enic, em cuja distribuição se contam os nomes do grande actor Ruggero Ruggeri, Antonio Gaudiro, Armando Falconi, Germana Paoleri, Vanna Vanni, Lauro Gazolo, um novo galã, Ada Dondini e Emilio Baldacelo.

INGLATERRA

A acção dos porta-aviões num filme de grande envergadura

Nos estúdios ingleses, onde neste momento Leslie Howard dirige o filme «First of the Few», que é como dissemos oportunamente uma biografia cinematográfica do eng. H. R. Mitchell, o técnico que traçou os planos do conhecido tipo de aparelhos de caça ingleses «Spitfire», e no qual êle acumulou as funções de director e de protagonista do filme, ficou agora terminado um novo filme em que um outro elemento das fôrças armadas tem por assim dizer o papel principal — o porta-aviões.

O filme, que tem por título SHIPS WITH WINGS é dirigido por Serger Nolbandov, e em cujo argumento amoroso aparece um triângulo amoroso, tem por intérpretes John Clements, Jane Baxter, Michael Rennie, aquela na filha do almirante que comanda o barco de que os dois são oficiais. Ann Todd, figura popular do cinema inglês e a pequena Elizabeth Pengelby fazem parte também da distribuição de «Barcos com Asas».

FRANÇA

Filmes em realização e em projecto

● *Pierre-Richard Wilm, um dos actores franceses que antes da guerra mais popularidade gozavam no seu país, e Edwige Feuillère, a notável actriz do teatro e do cinema, são os intérpretes principais do filme LA DUCHESE DE LANGEAIS, de que o conhecido escritor e homem de teatro Jean Girandoux fez a adaptação cinematográfica, estando a realização a cargo do conhecido metteur-en scène Jacques de Baroncelli.*

● *Nos estúdios de Paris e inspirada numa canção de Jean Tranchant, ficou concluido o filme ICI ON PÊCHE, de que são intérpretes Artur Devère, o cómico Tichadel, Charles Lemontier, France-Ellis, Jeanne Sourza e Denise Bréal. A realização pertence a René Jayet.*

● *LE REBOUTEUX DU VILLAGE é como se intitula o filme, cujo argumento pertence ao actor Pierre Brasseur e de que é figura de primeiro plano o popularíssimo Fenandel. Ao lado do intérprete de «Os Reis do Desporto» aparecem além do autor do cenário Arletty, que acaba de interpretar «Madame Sans Gêne», a grande característica Pauline Carton. Louise Carletti e sua irmã, Carletina.*

● *Edmond T. Greville, que se tem mostrado um dos mais operosos encenadores franceses depois da guerra, está dirigindo para os estúdios de Nice o filme LES FEMMES NE MENTENT JAMAIS extraído dum cenário de Pierre Porte, jornalista de cinema daquele centro produtor. Mireille Ballin a bela mulher de Tino Rossi, Claude Dauphin, Lucienne Lemarchant, Eliane Léonidoff, Félix Oudart, Gisele Alcée e Chukry-Bly.*

● *René Lefèvre, actor, autor e escritor de merecimento vai dirigir o filme OPÉRA MUSETTE de que será também o intérprete principal, ao lado da gentil Paulette Dubost, que volta assim ao cinema, depois de uma larga ausência devida ao seu casamento com um rico proprietário da África do Norte, e do grande comediante Saturnin Fabre.*

● *Do romance de Isabel Sandy. ANDORRA OU LES HOMMES D'AIRIAN, tirou o realizador Emile Couzinet o argumento do filme que, com o mesmo nome, está sendo interpretado por Jean Chevrier, um dos protagonistas de «Escola de Heróis», Jany Holt, Germaine Dermoz, Jean Galland e Romuald Joubé, nome célebre de há vinte anos que voltou agora ao cinema.*

A FEIRA DAS FITAS

«9 SOLTEIRÕES»

(Ils étaient neuf célibataires)

Sacha Guitry é, sem dúvida, comediógrafo notabilíssimo, piadista de grandes recursos e actor de grande experiência e bastantes recursos. Mas, também, sem dúvida alguma, é um detestável autor de filmes

Todo o seu talento e tôdo o seu espírito não lhe bastam para saber escrever e dirigir um filme. Os seus hábitos, diga-se até — a sua deformação literária e teatral impedem-o de se adaptar às exigências do cinema, de se submeter às regras do modo de expressão cinematográfico.

Éste seu filme é uma obra informe, invertebrada. Uma série de anedotas não chega para fazer um filme, particularmente quando não se pode tirar delas qualquer rendimento dramático. O argumento do filme, como prova de imaginação, é uma lástima. Quantas repetições de efeitos e de situações! Quantas coincidências «miraculosas»!

A encenação está abaixo do normal, salvo num ou noutro momento fugidio. O mesmo direi da fotografia, que é apenas lastimável. Em compensação o acompanhamento musical de A. Borchard, tem algum interêsse.

O filme, como espectáculo, salva-se graças à interpretação, que reúne os nomes prestigiosos de Victor Boucher, Max Dearly, André Lefaur, Aimos, Elvire Popesco, Betty Stockfeld, Marguerite Moreno, Saturnin Fabre, Pauline Carton — além de Sacha Guitry e da sua actual mulher, Geneviève de Saint-Jean.

É claro que surgem no decorrer do filme algumas idéias bem achadas e alguns ditos de espírito apreciáveis; o espírito geral do filme, no entanto, não me parece nada para apreciar. — *D. M.*

«SERENATA DO SOL»

(Sun Vally Serenade)

«Serenata do Sol» é uma boa comédia «corrente» americana. Por isto devem os leitores entender uma fita bem interpretada, de técnica certa, de história simples construída no desenvolvimento de dois ou três episódios singelos mas capazes de despertar a curiosidade do público.

«Serenata ao Sol» tem uma agradabilíssima feição mista e dá-nos a saborear uma bela atracção desportiva — a descida da montanha de «Ski» — a atracção musical que é a orquestra de Glenn Miller, os «sketchs» da «cana» feita de duas cadeiras e outros ainda, e um diabólico bailado dos Irmãos Nicolas. Todo o conjunto de qualidades de ligado e certo que nos aparece chega a entusiasmar. (A êste nosso entusiasmo queremos, no entanto, pôr uma reserva: é que não podemos ser imparciais na apreciação desta fita exactamente porque nos toca em dois «fracos» que o são o «sky» e o «swing»).

Sonia Henie, inteligentemente mais aproveitada no sorriso simpático do que nas artes de patinadora e Lynn Bari linda rapariga e excelente cantora interpretam agradàvelmente as duas raparigas da intriga. John Payne tem trabalho de grande mérito, mostrando-se seguro, e patenteando sóbria e naturalmente tôdas as qualidades dum grande galã que virá a ser.

Glenn Miller também interpreta um papel. Mal chega a falar mas nem sequer precisava disso. Basta tocar a sua orquestra onde a qualidade dos solistas, a perfeita execução, o partido espectacular dos elementos e o valor das orquestrações são, dentro do género, arrebatadores.

O momento de maior efeito espectacular é o bailado dos irmãos Nicolas que arrebatam o público com as suas habilidades acrobáticas. Cinematogràficamente porém as nossas palmas vão para a descida de «ski» simples como «bons dias» na sua concepção e cheia de resultado pelo perfeito trabalho dos «skiadores», do operador que a fotografou e do montador que engrenou as vistas com grande domínio do ritmo crescente da cena.

O fim do filme é, evidentemente, defeituoso e as primeiras pessoas a ter a certeza disto foram os técnicos que o realizaram. Os americanos, porém, sabem ser descarados. Resolveram as questões de amor dos protagonistas e como era preciso um bailado de efeito para Sonia Hennie dançar e a receita ficar completa meteram o bailado «à bruta» e... acabou a fita. — F. G.

QUADRO DE HONRA

«EDDIE CANTOR, AMA SÊCA» (M. G. M.)
— As qualidades da história de JEAN GUITTON.
— O bom nível da encenação, dirigida por BUSBY BERKELEY.
— Tôda a interpretação, em especial a de EDDIE CANTOR e a de RITA JOHNSON.

«O LADRÃO DE BAGDAD» (Sonoro Filme)
— O valor da obra do produtor ALEXANDRE KORDA.
— A excelente qualidade da fotografia de GEORGES PERINAL.
— A sábia utilização das côres e o valor artístico de NATALIE KALMUS.
— A montagem de CHARLES CRICHTON.
— As interpretações de SABU, CONRAD VEIDT, JUNE DOPREZ e JOHN JUSTIN.
— Tôda a figuração.
— Os trajes de MARCEL VERTES e OLIVER MESSEL.
— Os cenários e as decorações de WILLIAM MENZIES.
— ZOLTAN KORDA e todos os assistentes de direcção pelo seu trabalho.

«SERENATA DO SOL» (Fox)
— A colaboração da orquestra de GLENN MILLER e dos IRMÃOS NICOLAS.
— A presença simpática de SONNIA HENNIE (Karen), LYNN BARI (Vivian) e a interpretação de JOHN PAYNE (Ted Scott).
— A descida da montanha de ski, pela sua boa realização desportiva, fotográfica e de montagem.

«9 SOLTEIRÕES» (Filmes Castelo Lopes)
— O conjunto dos intérpretes, entre os quais estão alguns dos melhores nomes da cena e do cinema franceses.

«EDDIE CANTOR, AMA SÊCA»

(Forty Little Mothers)

Muitos dos nossos leitores se recordarão por certo de «O Miúdo», aquele filme francês *(Le Mioche)* em que Lucien Baroux tinha uma excelente criação e que se exibiu há anos no Tivoli. Pois *Forty Little Mothers* é simplesmente uma versão americana da mesma história, original do escritor francês Jean Guitton, agora adaptada por Dorothy Yost e Ernest Pagano (o popular «Maciste» de outros tempos, actualmente argumentista em Hollywood).

O filme foi dirigido por Busby Berkeley, que encenou «De Braço Dado»; e é justo dizer-se que a sua realização se distingue por um constante acêrto, que por vezes atinge o brilhantismo. Todos os naipes da encenação cumpriram, aliás, o melhor possível — mas é justo destacar o trabalho do operador, Charles Lawton (que dotou o filme com bela fotografia) e o trabalho de montagem, da responsabilidade de Ben Lewis, em especial pelos efeitos que obteve com a intercalação dos planos do Bébé Quintanilha. Conseguiu-se, com êsse hábil trabalho de montagem, dar a ilusão de que o pequenito representa — e bem.

A interpretação é tôda magnífica, a começar no admirável Eddie Cantor, comediante completo e pessoalíssimo, sempre agradável de ver. Rita Johnson (a mãe do bébé) dá-nos neste filme uma prova concludente das suas grandes possibilidades.

No papel da directora da escola aparece Judith Anderson, que vimos na governante de «Rebecca».

Um grupo de lindas e frescas raparigas tem assinalável intervenção no filme, como sempre acontece nas produções de Eddie Cantor; Bonita Granville (a girl friend de Jackie Cooper), Diana Lewis (mulher de William Powell), e Nydia Westman desempenham os papéis mais salientes entre as alunas do colégio.
D. M.

«A PATRULHA DA ALVORADA»

(Dawn Patrol)

A patrulha da alvorada pertence àquêle género de filmes sem amor, pouco usado no cinema por motivos compreensíveis. E um filme sem mulheres raramente pode ser filme com «box-office appeal». Todavia, aqui prescinde-se dos lances amorosos, das cenas sentimentais, das saias e dos sorrisos e olhares femininos, porque se impõe — para contrabalançar a ausência dêsses elementos — uma acção intensa, brutalmente arquitectada sôbre o esmagamento de dezenas de indivíduos, imolados sem piedade ao deus da guerra. Foca-se um dos aspectos mais sugestivos e emocionantes da guerra no ar durante 1914-18 através duma narrativa em que há momentos de covardia, momentos de heroísmo, momentos de crise moral, de neurastenia insuportável. O drama passa-se apenas entre homens. Prova-se que as mulheres não são indispensáveis ao êxito de um filme. Acima do amor existe ainda a amizade. É dum sentimento nobre e vigoroso de solidariedade humana diante do perigo comum que êste filme tira a parte mais bela da sua realização cinematográfica.

Isto é a impressão que nos ficou da visão desta fita em 1930. Era êsse o conteúdo da novela de Saunders, indiscutìvelmente a história mais trágica, mais violenta, mais impressionante que se havia escrito até então sôbre a Aviação na Grande Guerra. Os tempos, porém, mudaram. O esfôrço gigantesco da aviação cresceu com as largas possibilidades do seu desenvolvimento. Hoje, aquêles aparelhos, aquêles jovens inexperientes que vão para o «front», na França, dar as suas vidas pelas nações aliadas — parecem-nos ridículos...

A primeira versão teve excepcional êxito, mercê do trabalho de Richard Barthelmess (no papel agora feito por Errol Flynn) e de Douglas Fairbanks Júnior (no de David Niven). Justo é dizer, todavia, que nesta fita os substitutos dêsses artigos destacam-se bastante, mas indiscutìvelmente cabe a Basil Rathbone o melhor papel do filme, compondo magistralmente o tipo de um comandante de nervos arrasados pelo terrível responsabilidade de mandar os companheiros para a morte certa. — *A. F.*



WALTER PIDGEON

"O Correio de Bel-Tenebroso"

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1437 — TIMIDO *(Algés)*. — O teu plano de batalha, para descobrir a identidade de «Bel-Tenebroso», parece-me condenado a um insucesso absoluto. A ideia de formares um batalhão, com tôdas as leitoras da revista, é, pode dizer-se, maquiavélico... De facto, quem resistiria a uma invasão dessa ordem? Mas quem te assegura que o objectivo a alcançar, que seria eu no caso que estamos focando, se encontrava na rua do Alecrim, 65?... «Bel-Tenebroso, ténue como o fumo, paira sôbre as vossas cabeças, «algures em Lisboa»...

1438 — ADMIRADOR DE JUDY. — Brevemente terás na nossa revista a biografia de Judy Garland, que tanto te interessa...

1439 — POETA SAUDADE *(Molelos)*. — Tomo nota da alteração do teu pseudónimo, *Poeta Saudade* parece-me muito romântico... — Gostaste do *Feitiço do Império*, pelo que me dizes. Quanto a mim, a parte documental é tão apaixonante, ou mais, do que a própria acção.

1440 — M. E. C. A. *(Lisboa)*. — O aprêço que deste às breves palavras que de mim recebeste, parece-me exagerado. No entanto, guardo a carta, pois pode ser que os teus netos, daqui a uns cem anos, a vendam com fartos lucros... Como sabes, as cartas autografadas dos grandes homens (e só se começa a ser «grande», em geral, 100 anos depois de morto) têm admiradores, que as pagam por bom preço. — Felicito-te, vivamente, por haveres recebido uma foto dedicada e autografada de Olympe Bradna.

1441 — PEÇO A PALAVRA *(Evora)*. — Dentro em breve o «Clube do Animatógrafo» dará uma nova festa. — Se não recebeste a foto da Graça Maria foi pela simples razão de que ela não recebeu o pedido ou que a foto que te enviou, se extraviou no correio. Com efeito, a simpática artista tem remetido, aos admiradores, centenas de fotos.

1442 — SABU *(Corgo)*. — Escreve ao Erroll Flynn para Warner — First Studios, Burbank, Califórnia. — Joan Bennett: Walter Wanger Productions, General Service Studio, 1040, N. Las Palmas Avenue, Hollywood, Califórnia. — Não me parece ser esta a melhor oportunidade para escreveres ao Tino Rossi.

1443 — TRÊS POMBINHAS A VOAR. — A vossa carta pareceu-me tão interessante, como acinegráfica. No entanto, não ponho em dúvida do vosso amor pelo -cinema, embora não acredite «que não prefiram nenhum artista»... Essa preferência, tem que existir sempre, e será tanto mais louvável, quanto maior influência sôbre nós exercer a Arte do actor, na distinção do mesmo. Por outras palavras: há raparigas que gostam dêste ou daquele artista, porque corresponde ao seu ideal físico masculino. Enquanto que outras, se deixam impressionar apenas pelo valor absoluto do actor, como actor, e nada mais... — Vou pedir ao António Lopes Ribeiro que consinta a publicação do meu retrato quanto mais não seja para desfazer a calúnia de que a invisibilidade é o manto diáfano da fantasia com que cubro a nudez forte da fealdade...

1444 — ANTINEA. — *O Monte dos Vendavais* é, de facto, um *belo filme*. A morte da Cathy ficará como a melhor cena que a Merle Oberon até hoje interpretou! — Esta leitora gostaria muito de corresponder-se com outras leitoras, que se interessassem pelo cinema e pelo desporto. As que assim quiserem fazê-lo, poderão escrever-lhe, por meu intermédio.

1445 — MENILLY WE LIVE *(Évora)*. — A cena de *O Poder das Trevas*, a que aludes (quando a velha se levanta da cadeira de rodas, com extraordinário à-vontade, e vai buscar a caixa dos bonbons) serve para marcar uma faceta capital da psicologia da anciã. Com efeito, ao contrário do que supunhamos ela não era paralítica. Estava amarrada à cadeira de rodas, numa doença imaginária ou por «comodismo». Na sua qualidade de «doente» e «inválida» podia exigir mais cuidados e desvêlos das pessoas que a rodeavam e que, em regra, não gostavam dela. Eu achei o filme magnífico e gostei imenso da criação do Robert Montgomery, que os críticos franceses aliás consideraram «a melhor dêsse ano».

1446 — TOM EDISON, O PEQUENO GÉNIO *(Pôrto)*. — *O Dr. Ciclope*, agora anunciado para o Olímpia, é um filme curioso cujo grande mérito, sobretudo, reside no trabalho de trucagem. As reduções das figuras humanas a 30 cm. de altura e a actuação destas figuras, durante o tempo em que vivem sob essa minúscula forma, estão realizadas com incontestável felicidade. O colorido é muito aceitável. — Ann Shedidan: United Artists Studios, 1041 N. Formose Avenue. Hollywood, Califórnia.

1447 — PRINCESA ARAMÚ — Obrigado, pelo letra da canção que tiveste a amabilidade de me remeter. — Noto que és uma adversária convicta do 2.º intervalo, como todos os cinéfilos que se prezam, e uma admiradora não menos convicta da Dorothy Lamour, o que demonstra a tua imparcialidade, na apreciação da beleza feminina. — Escreve-me sempre que queiras. Com o maior prazer te responderei.

1448 — BENJAMINA *(Lisboa)* — Antes de mais nada quero que saibas que a «coincidência» que registaste não foi coincidência... Se não fôsse o teu pedido, nada teria aparecido. — Penso que o facto do Basil Rathbone ser casado não impedirá de te enviar a foto que te interessa. Poderás pedir-lha para 20th Century-Fox Studio, Box 900, Hollywood, Califórnia. De mim, para mim, tenho a impressão de que a Ovida, que é a mulher dêle, é capaz de se privar dum retrato do marido, só para que êle possa dar a Benjamina a alegria de o receber... — Se estiveres um mês sem me escrever, espera represálias... Eu bem sei que fazer a guerra epistolar em duas frentes é sempre um caso sério...

1449 — A MESMA *(Lisboa)*. — Armando Ferreira não pertence à Redacção do *Animatógrafo*. — E como nada mais perguntas, por aqui me fico...

1450 — BRIOLANJA, A MENINA DOS LEÕES. — Que mêdo! — Espero, Briolanja, que não hajas desanimado com a demora da resposta, ao contrário do que fez a tua amiga a que te referes. Por mim, lamento a desilusão causada e mais triste ficaria se tu houvesses pôsto em dúvida o cavalheirismo para que apelas, tanto mais tendo hesitado nove vezes antes de me escrever... — Podes escrever ao Cary Grant para a R. K. O. Radio Pictures, 780 Gower Street, Hollywood, Califórnia. Se êle mandará retrato, sem pedir dinheiro? Creio que sim. — Tôdas as piadas que jogaste à Dorothy passaram por ela sem a atingir... Porque será que as Lamours e as Lamarrs de que os homens tanto gostam terão a má-vontade das raparigas? simples coincidência?...

1451 — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa)*. — Podes mandar a tua colaboração para a *Página dos Novos*. — Esta leitora gostava de possuir a letra das canções *Plaisir d'Amour* e *J'Attendrais* — A ideia da vinda a Portugal do cantor Charles Trenet é velha. No entanto, ainda não pode realizar-se. — Se viste, *Destry Rides Again* concordaste com certeza com a actuação da Marlène Dietrich! *The right woman in the right place*. — Transmito as tuas saudações a *Donnanfer, Dinhamó, Pinnochia, Bob Taylor* e *Doido por Fox*.

1452 — JOSÉ A. CANIÇO *(Salvaterra de Magos)*. — Escreve à Linda Darnell para a 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia.

1453 — PINNOCHIA *(Lisboa)*. — Respondo a uma carta escrita a lápis, que rabiscaste, conforme dizes, no intervalo de duas aulas. — Ainda te interessas pela letra da *Balalaika?* Quero crer que não!... — Transmito as tuas saudações a *Garota de Lisboa, Dinhamá* e *Donanfer*.

1454 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — Marlene Dietrich nasceu a 27 de Dezembro de 1902. Tem, portanto, 39 anos. Lupe Velez, actual mulher de Johnny Weissmuller, é divorciada de um único marido... — Transmito as tuas saudações a *Rainha do Sábá, Maria de Vasconcelos* e *Flor dos Alpes*.

1455 — CAVALEIRO DE RAGASTENS *(Lamego)*.—Pelos vistos, já aprendeste também a escrever um postalsinho todos os dias?!... — Allan Marshall nasceu em Sidney (Austrália) em 29 de Janeiro de 1909. — Tomo nota de que o teu ideal feminino seria a mulher que «tendo o corpo da Lamour, aliasse a vivacidade da Judy e a voz da Graça Maria»... Quanto a mim, entendo que ficaria melhor assim: «o corpo da Lamour, a voz da Judy e a nacionalidade da Graça Maria, não porque faltem atractivos à nossa simpatiquíssima vedeta, mas sim por motivos de ordem patriótica...

1456 — M. E. C. A. *(Lisboa)*. — Respondo a uma carta e a um bilhete postal, recebidos quási ao mesmo tempo. — Não posso compreender como é que recebeste um número sem separata. Fazes muito bem em comunicar à administração, que te atenderá gostosamente. — De todos os filmes de Anna Neagle prefiro *A Rainha Vitória*.

1457 — BOB TAYLOR. — *(Lisboa)*. — Acho muito simpático, como manifestação de sinceridade, mas injusto, o título que te atribuis de «Maçador n.º 1 de Animatógrafo». — Registo que a tua ausência destas colunas, coincidiu com uma crise cardíaca, de ordem sentimental, provocada em pleno Chiado por certos olhos que se cruzaram com os teus... Muito romântico, muito bonito, incontestàvelmente, mas que terá isso que ver com o cinema?...

1458 — CORAÇÃO MALTRATADO, ETC. Pôrto) — Mal tinha acabado de comentar a afecção cardíaca-amorosa do *Bob Taylor*, apareces-me tu com semelhante pseudónimo... Daqui a pouco isto não é um consultório cinematográfico, mas o consultório duma Policlínica (as consultas são gratuitas) para doenças do coração... — Tenho muita pena de não ter ouvido a orquestra de que fazes parte com executantes de girofone e vassourofone... Deve ser um modêlo de harmonia...

1459 — PRINCESA DA SELVA. — Não há filme algum de Laurence Olivier intitulado *Clouds over Europa*. Por ora as nuvens ainda não apareceram em filme, muito embora sejam um realidade e exista uma obra obra literária, com semelhante título...

Bel-Tenebroso

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO

A língua do cinema ou a grande maldição

por FERNANDO GARCIA

Sempre e em tudo, a Língua provocou grandes discussões. Discutem-se as «línguas» de todos os géneros a propósito de tôdas as coisas, muitas vezes durante o dia. Prega o sr. dr. Agostinho de Campos contra os falsificadores da Língua, lamentam-se os meninos com notas baixas em línguas, protestam os gastrónomos contra a língua mal temperada e as pessoas civilizadas comilões de boa educação lamentam os destemperos da Língua.

Pois o Cinema a quem não escapa um momento dos nossos dias, que não dispensa para seu auxílio uma só que seja das técnicas ou das artes humanas também tem com a Língua grandes relações, como não podia deixar de ser.

O mais curioso, porém, é que as relações da Língua com o Cinema revestem-se sempre dum aspecto tenebroso o que, julgo eu, deve ser praga rogada pelas antigas divindades cinematográficas, quando foram renegadas pelos homens. Porque o Cinema nasceu sem Língua, com a mania de que era Esperanto e todos o entendiam. Cresceu e multiplicou-se mudo que nem uma rolha e sem uma palavra, só com gestos, criou o maior partido do Mundo, num mundo onde como se sabe, para se formar um partido é necessária grande quantidade de volumes de discursos. A Língua do Cinema era, nesses tempos, coisa luminosa por excelência, visto que o Cinema só falava por imagens. Tudo à volta era luz e resplandecia, todos se entendiam e a fábula da Tôrre de Babel parecia prestes a ser desmentida.

Isto até que chegou o dia em que, como já não havia nada de novo para fazer, e o Cinema andava cançado de se ginasticar para nos explicar as suas ideias, se resolveu que o Cinema falaria, como nós todos falamos. Logo, rebentou a primeira guerra cinematográfica quando foi dêsse grande Cisma. Os da antiga religião não se entregavam; os da nova pugnavam fanàticamente pela nova mitologia a que chamavam Cinema Sonoro. Mas havia grandes obstáculos, porque isto de falar não é tão fácil como parece — e os partidários do mudo diziam, com tôda a razão, que o Cinema so gaguejava. Vai daí considerando êste estado de coisas o Cinema serviu-se dum truque, duma habilidade de que se servem todos os gagos: cantou para conseguir falar. Pouco a pouco, tudo foi melhorando e o Cinema Mudo esqueceu. Mas, então, fatal como o Destino, pesada como a maior das maldições, escura como um céu de tempestade ficou a praga das antigas divindades esquecidas...

E Língua do Cinema, em todos os seus aspectos, teve a sorte triste de ser sempre tenebrosa.

* * *

Aparecem, primeiro, as legendas tenebrosas do Cinema, porque a «Sétima-Arte» já não era esperanto que todos entendessem. Durante estas dezenas de anos de Cinema traduzido em legendas tem sido asneira que te parto, pontapé na gramática de criar bicho. Depois, inventaram-se as dobragens para todos sofrerem e ficarem de cabelos em pé. E quando se fizeram filmes sonoros nacionais a maldição continuou, porque o público habituado a não perceber patavina, quando vê fitas «lidas», revolta-se todo quando não percebe uma ou outra palavra das fitas sonoras — e chama a língua do nosso Cinema imprópria. E os técnicos, desesperados, classificam a nossa Língua imprópria para Cinema.

E os últimos abencerragens do mudo acham, ainda que tôdas as línguas são impróprias para Cinema. Os moralistas pretendem que o Cinema é impróprio para o Público. E até há quem defenda que o Público é que é impróprio para o Cinema.

A Grande Maldição resultou em confusão de Babel e produziu um complexo de insatisfação parecido com aquele que faz os meninos roer as unhas. Os «filósofos» cinematográficos já não se entendem, com a sua «língua» de Cinema, já não falam de «ângulo», já não falam de «ritmo», esqueceram-se das astronomias do «espaço» e das matemáticas de «montagem». O público já não sabe se gosta mais da Greta Garbo se da Betty Grable e profere a «Balalaika» ao «Monte dos Vendavais».

E os técnicos de Cinema, por sua vez, além de cultivarem o desporto da má-língua, criaram uma linguagem de trabalho assustadora, própria duma fita de terror, própria para mais ninguém perceber, feita dos maiores absurdos aparentes, que pode assustar qualquer desprevenido que entra num estúdio mas que, depois de explicada se transforma numa coisa alegre, cómica, tal como a Grande Maldição, depois de bem vista, se transforma nesta única verdade: nunca se gostou tanto de Cinema e nunca o Cinema teve um tão elevado nível de qualidade.

É o lado tétrico-cómico da linguagem do estúdio que queremos apresentar aos leitores do «Animatógrafo», porque nos pareceu que seria agradável à sua veia cinéfila conhecer alguns episódios engraçados e inesperados trocadilhos que volta e meia acontecem e aqui iremos contando.

* * *

Se o leitor um dia fôsse transportado desprevenido e de olhar vendado para dentro do estúdio da Tobis quando o César de Sá estivesse a «afinar» as luzes dum cenário tinha obrigação de se assustar.

A certa altura ouvia:

— Pica o meúdo... Pica mais... Está bem. Agora prega-lhe um contraplacado por cima.

Depois, uns momentos em que, no meio dos mais inesperados ruídos que produz uma «équipe» a preparar uma filmagem, se ouviam umas marteladas sêcas e, finalmente esta ordem que o podia deixar sem pinga de sangue:

— Corta o meúdo.

Quando lhe destapassem os olhos em vez dum mar de sangue do «meúdo» «picado» e «cortado», veria todo o pessoal que continuava a trabalhar como se nada se tivesse passado. E quando o César de Sá prosseguisse veria que um meúdo é um pequeno projector que êle utiliza e muito bem, diga-se, para os seus toques de luz. Veria os electricistas «picar» os projectores, isto é, virá-los mais para baixo, até a luz estar orientada na direcção conveniente. E quando cada projector, «meúdo» ou não, estivesse afinado veria que à ordem de «cortar» os electricistas em vez de puxarem de facas, puxaram muito simplesmente o manípulo do quadro que o desligava. E em vez de sangue apagava-se a luz.

* * *

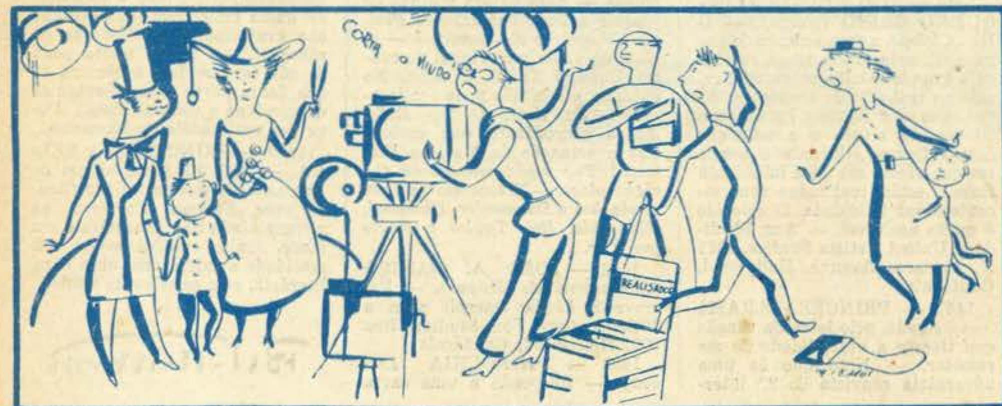
Mas nem tudo é tão fácil de explicar. Calcule o leitor o susto que podia ter apanhado certo visitante que entrou mais tarde no gabinete de montagem quando o montador e o seu assistente travam o seguinte diálogo:

— Onde está a cabeça do juiz que eu cortei mesmo há bocadinho?

— Não sei, eu não vi. Só se está ali no cesto!?

O montador dizia isto com uma grande tesoura na mão, e junto da mariola que é uma simpática máquina mas com o aspecto estranho de aparelho de tortura. E o assistente respondia apontando

(Ver conclusão na pág. central)



Êste número contém um retrato - brinde: GREER GARSON